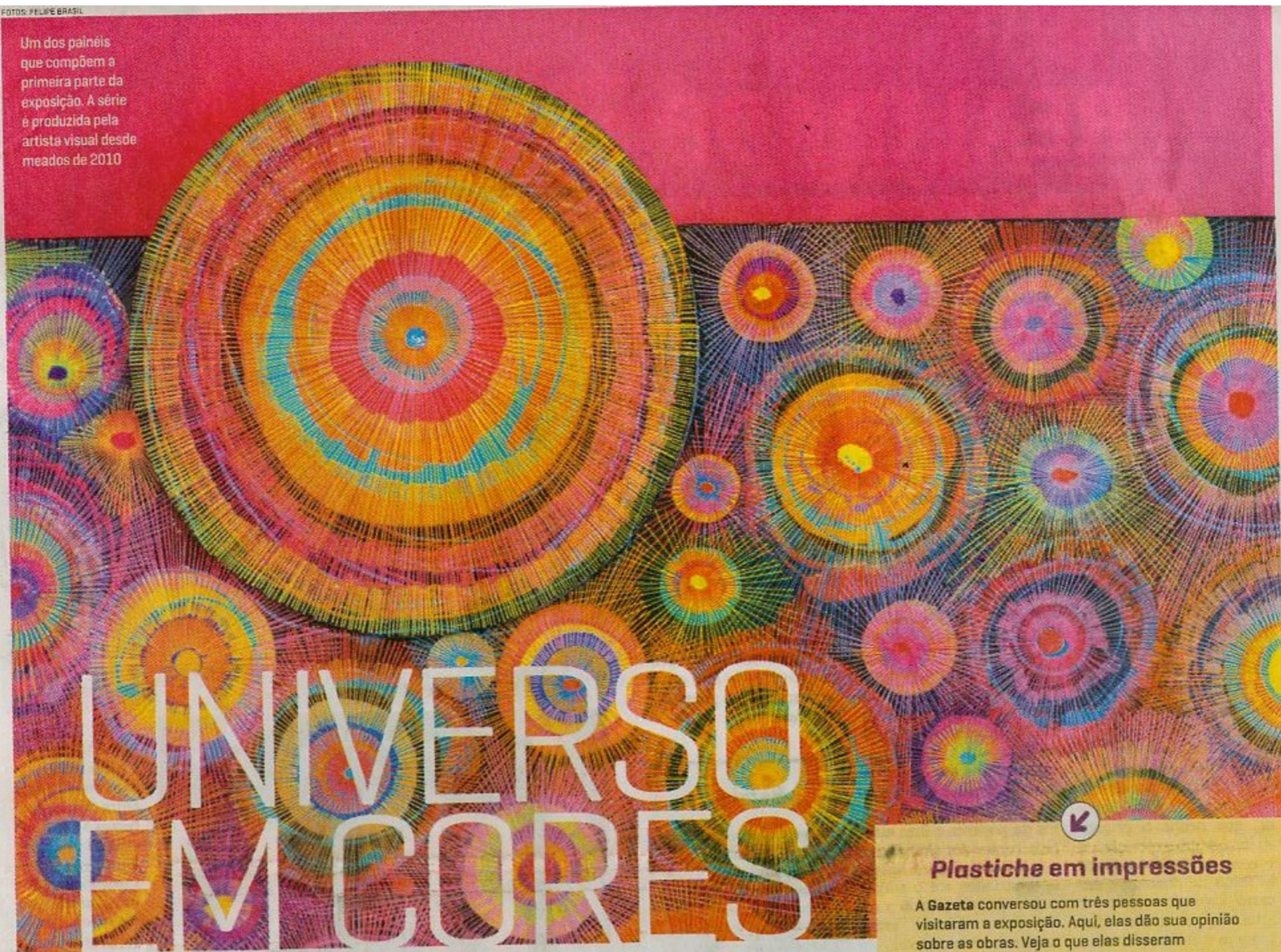


Um dos painéis que compõem a primeira parte da exposição. A série é produzida pela artista visual desde meados de 2010



# UNIVERSO EM CORES

**LUÍS GUSTAVO MELO**  
REPORTER

Desde que o mundo é te e a vida segue em frente. Logo, o processo de reciclagem e diluição de realizações artísticas, que as pessoas abrigam costumam identificar como pastiche, não é propriamente uma novidade. Entretanto, o amigo leitor há de convir que nunca o mundo da criação se valeu tanto da repetição de fórmulas como nas últimas duas décadas.

Buscando estabelecer um diálogo com esse espírito contemporâneo da có-

pia, a ideia do pastiche surgiu na obra da artista visual Marta Emília como uma forma de brincar com a possibilidade de imitar a si mesma e, ao mesmo tempo, reconfigurar seu próprio trabalho. O resultado desse insight pode ser visto na exposição *Plastiche*, em cartaz na Pinacoteca Universitária, com curadoria do arquiteto Henrique Gomes – que, segundo a expositora, contribuiu bastante, com sugestões preciosas ao longo de todo o processo.

“Cheguei a esse título primeiro pela palavra ‘plástico’, porque queria

expandir minha atuação criativa para outros materiais, investir na experimentação; daí o plástico sempre se mostrou bem atrativo para mim”, explica a artista. “Em seguida, me veio a palavra ‘pastiche’, que dentro dos processos de imitação, de representar a cópia, um tipo de imitação grosseira, segundo os conceitos mais comuns desse termo. Assim, juntei ‘plástico’ e ‘pastiche’. Afinal de contas, o plástico tem o poder de copiar tudo quanto é objeto que nos cerca, o plástico ‘pasticheira’ o mundo”.

Criadas a partir de objetos de acrílico comprados em lojas de festa, as sessenta esculturas que nomeiam a exposição surgiram como uma extensão dos conhecidos painéis de colagem que Marta produz há algum tempo. Presentes na exposição em dez obras, as telas foram todas feitas com recortes de papéis pintados com tinta acrílica, e colados sobre uma base de MDF. “Querida a exposição tivesse dois momentos, um dos painéis e outro com os plásticos, no sentido de que os plásticos pudessem citar, ‘pasticheira’ os painéis, trazendo suas formas e cores para o plano tridimensional”, explica ela.

Na primeira sala estão dispostos dez painéis produzidos pela artista entre 2010 e 2013. Todos realizados a partir de um minucioso e impressionante processo de recortes e colagens. Na segunda sala, encontra-se um painel com 150 broches, batizados por Marta Emília de *Adornos Autônomos*. Nessa parte da exposição, o visitante pode interagir com a obra, com possibili-

de de retirar quantas peças quiser para se enfeitar em frente a um espelho, e postar fotos com os adornos nas redes sociais. Ao pôr de volta ao lugar de origem, a pessoa estará então reorganizando a imagem do painel, que se transforma continuamente. Na mesma sala estão as vistosas esculturas de plástico, feitas com copos, pratos e talheres das mais diversas cores.

O resultado disso tudo seduz os visitantes não apenas pela expressividade das obras e pelo refinado senso estético da artista. Com notável sensibilidade pop, Marta cria no espaço expositivo toda uma ambientação ‘amigável’, refletida em grande medida pelo caráter lúdico de seu trabalho. E isso é um aspecto mais do que positivo, visto que a arte nesses ambientes, na maioria dos casos, impõe uma certa distância que compromete a possibilidade das exposições dialogarem e serem apreciadas pelo público em geral. As obras de Marta Emília, muito pelo contrário, aproximam as pessoas – por conferirem brilho e beleza ao banal. **o**

Continua na pág. B2

## Serviço

**O que:** exposição *Plastiche*, da artista visual Marta Emília  
**Onde e quando:** na Pinacoteca Universitária (pç. Sinimbu, 206, Centro), até o dia 17 de janeiro de 2014  
**Visitação:** seg. e qui., das 08h às 20h, e ter., qua. e sex., das 09h às 18h  
**Entrada:** franca  
**Informações:** 9341-1330

## Plastiche em impressões

A Gazeta conversou com três pessoas que visitaram a exposição. Aqui, elas dão sua opinião sobre as obras. Veja a que elas disseram

“Desde que conheci o trabalho de Marta Emília, em 2007, durante uma exibição coletiva, tive certeza de que estava apaixonado. Na época, uma primeira versão dos ‘adornos autônomos’ que – com a falta do instagram – podíamos levar para casa e usar conosco até hoje. Uma beleza!”

Foi daí que nasceu minha crescente admiração por esse trabalho vibrante, maluco e que não se cansa. Gente, quem consegue recortar tanto assim? É real? Quase impossível de acreditar, mas sim: real e mágico.

O trabalho de Marta Emília é um reflexo claro de sua personalidade elétrica, humorada, e mergulhada num sem-fim de cores. *Plastiche* é uma reafirmação de todos os valores que me hipnotizam neste trabalho e sem dúvida digo que é minha artista preferida daqui.”

**HERBERT LOUREIRO, artista gráfico**

“É papel recortado. Basta dizer isso para que o observador se espante e praticamente invada as obras para apreciar melhor as sutilezas das formas e brocados de Marta Emília. São recortes mínimos que se transformam numa grande explosão psicodélica. Se a paciência é uma virtude, Marta é virtuosíssima. Arte zen-tropicalista. Já a arquitetura de *Plastiche* me faz lembrar que a infância é feita de plástico colorido. Quem nunca brincou de empilhar copos, talheres? Não tem como não se deixar encantar com as construções, torres de copos e colheres empilhadas, suas sombras, texturas, arranha-céus futurísticos. *Plastiche* é um sequestro lúdico do qual você não quer ser resgatado. É uma festa.”

**NATASHA TINET, estudante de Design de Interiores**

“O trabalho de Marta Emília reúne conceitos importantes no âmbito da arte contemporânea, que se relacionam de forma simbiótica, proporcionando aventura tátil – supondo que pudéssemos tocar os objetos e telas – e visual. A exposição é uma viagem, sem volta e com sabor de parque de diversão, pelos universos da forma, cor, volume e textura. A partir do contato com a primeira tela bidimensional, somos instigados a mergulhar nas tramas dos ‘desenhos/colagens’ que sugerem imensurável gama de significados. A metamorfose de matérias-primas como papel, tinta, utensílios de festas infantis e outras (que não se distinguem a olho nu) enganam os sentidos do espectador desavisado. Essa inadvertência pode ser a senha para a liberdade total de interpretação, levando-nos a estabelecer nosso próprio conceito sobre a obra. Resumindo: é uma bela e instigante turnê pelo imaginário.”

**GAL MONTEIRO, jornalista**

Na obra de Marta Emília, as referências musicais surgem nos painéis, nos quais a artista faz citações a trechos de letras de grupos como Mutantes

